

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA
(UFPE)**

www.ufpe.br/revistageografia

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

A METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA: PONTOS PARA UMA REFLEXÃO

Eguimar Felício Chaveiro¹

¹ Prof. Dr. Associado do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Texto originado da pesquisa "Cidades e práticas espaciais: diferentes dinâmicas em metrópoles brasileiras nacionais e regionais" financiada pelo CNPQ por meio do Edital Casadinho entre a Universidade Federal de Goiás e Universidade de São Paulo.

Artigo Recebido em 20/10/2011 e aceito em 15/06/2012

RESUMO

Na metrópole junta-se o desemprego estrutural e o mercado informal, condomínios fechados e novas táticas dos mendigos nos centros nos centros históricos. *Shopping Centers*, prédios inteligentes, *Fast Food*, *pit-dogs*, distribuidoras de bebidas e festas de peão. Ao cabo desses apontamentos vale perguntar: como enunciar e explicar as configurações espaço/temporais da metrópole atual? Como ler a densidade histórica de seus conflitos e de suas possibilidades? Este texto possui com objetivo pensar uma possibilidade teórica de abordagem sobre a metrópole e as práticas sociais de seus sujeitos. As práticas sociais constituídas pela diversidade de sujeitos desenvolvem práticas espaciais transformando a metrópole num nó de conflitos entre a norma e a vida. Denominamos *norma* as funções do modo de produção capitalista, especialmente por meio do processo de produção, circulação e consumo bem como as suas tendências sempre reatualizadas; o papel do Estado e das gestões que se vinculam de alguma maneira ao modelo de acumulação; e as práticas simbólicas que afirmam as funções capitalistas por meio da cultura e da subjetividade. Denominamos *vida*, as práticas de envolvimento com a cultura e com a subjetividade que marcam o espaço pela memória, pela criatividade, pela cooperação, pela organização do contrapoder, de luta que defende a existência conflitando com as funções capitalistas. Em meio ao estrategismo ao modo da *city marketing* e ao esteticismo performático que oblitera a vida pública e cria espaços de medo e de terror – e intenta mercantilizar o medo, a dor e o sofrimento, há atitudes de criatividade, de insurgência, de comunicação que mostram as razões do insondável humano. E de sua força para experimentar o mundo defendendo a própria existência e lançando-o como fibra de criação...

Palavras-chave: metrópole – práticas socioespaciais – sujeitos metropolitanos – divisão internacional do trabalho.

A CONTEMPORARY METROPOLIS: POINTS FOR REFLECTION

ABSTRACT

In the metropolis joins structural unemployment and the informal market, condominiums and new tactics in the centers of the beggars in the historic centers. Shopping Centers, intelligent buildings, Fast Food, pit dogs, distribution of drinks and parties in pawn. At the end of these notes worth asking: how to articulate and explain the configuration space / time of the metropolis today? How to read the historical density of its conflicts and its possibilities? This paper has aimed to consider a theoretical possibility of approaching the metropolis and the social practices of its subjects. The social practices constituted by the diversity of individuals develop spatial practices transform the metropolis into a knot of conflict between the norm and life. We call the standard functions of the capitalist mode of production, especially through the process of production, circulation and consumption as well as their trends persist because always, the role of the state and actions that are linked in some way to the accumulation model, and practices symbolic capitalist state functions by means of culture and subjectivity. We call life, the practices of involvement with the culture and subjectivity that mark the space for memory, creativity, cooperation, the organization of countervailing power, struggle to defend the existence conflicted with the capitalist functions. Amid the strategist in the way of city marketing and the aestheticism that

obscures the performative public life and creates spaces of fear and terror - and attempts to commercialize the fear, pain and suffering, there are attitudes of creativity, insurgency, announced that show the reasons of the unfathomable human. And their strength to experience the world defending the existence and launching it as fiber creation.

Key-words: metropolis - sociospatial practices- metropolitan subjects - international division of labor.

INTRODUÇÃO

“A metrópole está em toda parte” – com essa afirmação peremptória a geógrafa Maria Adélia de Souza (1993) balizou sua reflexão sobre a metrópole contemporânea brasileira, definindo as principais características da urbanização como uma realidade acelerada, concentrada e desigual – a frase da eminente geógrafa pode, metaforicamente, ser invertida: “quase todos os símbolos estão na metrópole”.

Espaço de organização de diferentes redes, elo entre os tempos do lugar e o tempo do mundo, lugar de mil lugares tecido por uma sociodiversidade formada por diferentes – e antagônicas – classes sociais, sítio atravessado de diversas territorialidades, de identidades fragmentadas e/ou convergentes, a metrópole contemporânea reúne em seu flanco signos que representam a cara do mundo. E mais: lugar de acesso a determinados *ethos* cultural, expressão de conflitos sociais, a metrópole brasileira é um mosaico em movimento de diferentes sujeitos, tempos e lugares.

Na ponte entre o país e o mundo, a metrópole brasileira transborda de si

mesma, ultrapassa recorrentemente as linhas de seus limítrofes político-administrativos, abraça municípios vizinhos, se estende invisivelmente propagando novos modos de sentir, consumir, desejar. E, então, se sintetiza efetivamente como “um encaixe e um feixe de escalas”.

Se isso é verdadeiro – a metrópole está em todas as partes e todas as partes estão na metrópole por meio de diferentes repercussões em forma de escalas – pode-se destacar que ela não é apenas uma síntese de múltiplos tempos, mas de diversificados sujeitos. A profunda divisão social e técnica do trabalho, fruto da aglutinação entre ciência, técnica e informação, que reconfigura a relação capital e trabalho, específica a situação histórica da metrópole atual.

Trata-se de refletir a metrópole brasileira atual consoante ao modelo de acumulação integral em que ela participa. Mas trata-se também de averiguar as suas diferentes funções, a sua história própria, seus vínculos com a região em que faz parte e, especialmente, o cordão de movimentos que a tece por meio de múltiplas práticas sociais e espaciais.

O alargamento de suas interações, o processo de hibridação de tempos, a complexificação das identidades de sujeitos que a compõem, o arsenal de símbolos que faz uso, os conflitos e as disputas dos grupos em torno da produção da vida proclamam outro dado importante: há, igualmente, formas específicas de práticas sociais que se apropriam dos lugares metropolitanos, produzindo-os, ressignificando-os e transformando-os como uma realidade praticada diuturnamente.

São as floristinhas noturnas que vendem flores para casais apaixonados e tentam aliviar o peso do custo de vida aos pais; são executivos que desenvolvem estratégias de aliciamento de consumidores e ostenta o lugar de “homens de negócio”; é gente que cuida do tráfico de mulheres ou refaz as vias clandestinas da prostituição infantil; são burocratas, empreendedores, marketeiros ou gente como operários, feirantes, camelôs, seguranças, comerciários, que desenham uma cartografia de apropriação do espaço de acordo com o seu lugar no mundo.

Ademais, se junta o desemprego estrutural com o crescimento do mercado informal; se aglutina a lei da pressa com o aumento da quantidade de veículos nas ruas; organizam-se territórios de traficantes de drogas com novas operações militares; irmana promotores de grandes

eventos com gestores e publicitários, como se excluem e se repelem a moradia dos novos ricos em condomínios fechados com novas táticas dos mendigos nos centros históricos. Crescem as bandas de rock com intentos midiáticos como grupos que defendem vínculos com a tradição. Alçam vida cultural peladeiros que usam lotes baldios para um jogo alegre como os que montam vigilância para seus terrenos não serem ocupados pelos Sem Teto.

A fila infinita de sujeitos não apenas apresenta o rico processo das práticas espaciais e seus conflitos, que dão à metrópole a identidade de uma “combustão de práticas”. Mas, nos faz enxergar estratégias e táticas de vida, de luta, incluindo insurgência, criatividade e enfrentamento. Pode-se sintetizar: não há processo de alienação, controle ou tirania que apague a atitude levante – e sublevante - do pensamento, da consciência e dos músculos humanos.

Mas o logro de apropriação conflituosa da metrópole só pode ocorrer por meio da configuração espacial sacramentada em diferentes tipos de formas espaciais, tais como: periferia proletária, centros de convivência, novas centralidades, parques urbanos, Shoppings centers, anéis viários, prédios inteligentes com censores, passarelas, viadutos, distribuidoras de bebidas, grandes armazéns, atacadistas, estádios, templos

religiosos, loteamentos populares, condomínios fechados, pit-dogs, feiras populares, espaço para festa de peão, boites, prostíbulos etc. As formas espaciais além de servirem às práticas sociais, mostram a convergência e/ou conflito entre tempos, inovação, resistência etc. Muitas dessas formas se expressam em alguns marcos espaciais com fortes sentidos simbólicos, tais como um monumento, uma estação ferroviária antiga, uma praça central, um mercado popular etc.

Os arranjos espaciais também demonstram na paisagem a vociferante voz do mercado, assim como a força simbólica das religiosidades, a luta pela vida, a intromissão da ciência no atual período, a segregação e sua intenção em separar espacialmente as classes sociais, as diferentes origens culturais dos sujeitos etc. O fato é que as paisagens das metrópoles tornam-se arquiteturas da complexidade do mundo, de sua rica diversidade e de seus conflitos.

E como mecanismo da forma, as paisagens metropolitanas revelam o mundo e o escondem. Portanto, faz parte da roça a vida das paisagens, um conjunto de ideologias, imaginários, sentidos de vida, visões de mundo promovido por igrejas, instituições hegemônicas, partidos políticos, Estado etc. Essas instituições proclamam que a complexidade

metropolitana possui ordens e racionalidades que suas paisagens não revelam. Mas é por meio delas, de seus signos culturais e sociais, que o pensamento pode ir nos fundamentos da cidade e encontrar os nexos que geram os seus sentidos.

Atividades como o mercolazer, o consumismo, o narcisismo de classe, o hedonismo, o sexismo, a corpolatria etc, mostram que há um ordenamento simbólico que geram as funções das metrópoles no atual período histórico. Em cada uma das práticas sociais, como nos arranjos das diferentes paisagens e no escopo dos diferentes lugares, se encontram presentes componentes da economia, da política, da subjetividade e da ideologia, do contrapoder, da resistência, da cultura etc.

Ao cabo desses apontamentos vale perguntar: como enunciar e explicar as configurações espaço/temporais da metrópole atual? Como ler a densidade histórica de seus conflitos e de suas possibilidades?

Partir-se-á de um pressuposto: as práticas sociais constituídas pela diversidade de sujeitos desenvolvem práticas espaciais transformando a metrópole num nó de conflitos entre a norma e a vida. Denominamos *norma* as funções do modo de produção capitalista, especialmente por meio do processo de

produção, circulação e consumo bem como as suas tendências sempre reatualizadas; o papel do Estado e das gestões que se vinculam de alguma maneira ao modelo de acumulação; e as práticas simbólicas que afirmam as funções capitalistas por meio da cultura e da subjetividade.

E denominamos *vida*, as práticas de envolvimento com a cultura e com a subjetividade que marcam o espaço pela memória, pela criatividade, pela cooperação, pela organização do contrapoder, de luta que defende a existência conflitando com as funções capitalistas.

1. UMA LEITURA DAS TENDÊNCIAS METROPOLITANAS

Harvey (2005) e Carlos (2007) afirmam em estudos recentes que a metrópole é um lugar exemplar para o processo de acumulação. Desde o solo transformado em mercadoria e em objeto de grande disputa, passando pela produção fabril com as suas reengenharias, incluindo os diferentes fluxos e as diferentes redes reorganizadas pelos paradigmas da informação, juntando-se à força do terciário e do consumo até a inserção do corpo como fonte de lucro, o seu peso demográfico, há um só tempo, facultam a acumulação e, com velocidade, expressam

os seus conflitos. A síntese da pesquisadora é:

“a reprodução do espaço da metrópole apresenta como tendência a destruição dos referenciais urbanos, isso porque a busca do incessante novo – como imagem do progresso e do moderno - transforma a cidade num instantâneo onde novas formas urbanas se constroem sobre outras com profundas transformações na morfologia, o que mostra uma paisagem em constante transformação...(Carlos, 2007 pg 13)”.

Para empreender a leitura das tendências atuais da metrópole convém fazer uma síntese. Do final do século XIX para a década de 1930 emergiu-se o que foi alcunhado de tempo do “Desejo de cidade”. A necessidade de o capitalismo estender-se aos quatro cantos do mundo, as descobertas e a solidez da fábrica moderna operavam para criar um imaginário em que a cidade, especialmente a cidade grande, era a cara da razão, o coração da saúde e as veias do progresso.

Percebe-se que tudo que fazia referência ao rural, à tradição e ao tempo lento, próprio do mundo agrário, era tido como expressão de atraso. Uma “vida urbana”, “uma cultura urbana”, “um sujeito urbano”, “uma subjetividade

urbana” eram sinais de um imaginário evoluído. E progressista.

No logro da divisão social do trabalho, a metrópole aparecia como fundamento da racionalidade não das superstições; reino do conhecimento científico não das crendices; motor das técnicas não dos músculos. Essas características deveriam criar o novo consumo, como o novo consumidor que fosse capaz de ultrapassar os limites da troca simples e vencer os atrasos da tradição. Somente o afastamento da produção de subsistência criaria à dependência do salário e daí o estímulo do consumo passando pela troca pecuniária.

Do final de 1950 para o começo de 1960 nasce outro período: o do Direito à cidade. A consolidação do desenvolvimento do capitalismo, o crescimento de várias metrópoles, a insistência da desigualdade social e o testemunho da guerra mundial, tinham criado substâncias políticas para que eclodissem movimentos juvenis, feministas, ambientalistas, rurais, negro, de luta contra ditaduras etc.

O tão sonhado cosmopolitismo e internacionalismo da vida metropolitana como sentimento do sujeito metropolitano avançado no período do Desejo à cidade, era, aos poucos, substituído pela clara visão de que havia a manutenção da exploração, da desigualdade social, de

atitudes de poder machistas, autoritários e excludentes de minorias étnicas e culturais.

Nesta fase, irradiaram-se os movimentos libertadores e operou-se em vários lugares o crescimento também da defesa da arte popular, como a organização de partidos comunistas, a expansão do marxismo, do anarquismo, a visão do sentido político da cultura por meio da contracultura etc. Mas isso era atravessado pela divisão internacional do trabalho. Especialmente as metrópoles da América Latina viviam períodos turbulentos de ditadura militar e de tirania raivosa.

O fato é que o período emergente do “direito à cidade” principiava um processo crítico à cidade. Isso cresceu com a atual fase que tem se denominado “crise da cidade”. Realidades como o desemprego, a desigualdade social, a segregação socioespacial, a violência, a poluição, os problemas ambientais, de moradia, de trânsito e as doenças da alma, a diluição ética, a alto custo da vida etc, além de proclamarem a cidade como realidade em crise, coincide com um processo de desmetropolização.

O reesquadrinhamento do chamado espaço intraurbano como a criação de novas centralidades, a separação de classes sociais pelos arranjos espaciais, as ilhas de belezas como praças temáticas e o esteticismo de mercado – o reino do avanço -, contrastam com mortes no

trânsito, assaltos freqüentes, seqüestros, roubos coletivos etc, de maneira que a metrópole se torna o reino do perigo.

Um dado do momento é que a denominada metrópole performática é recriada por um conjunto de estratégias para aproveitar também as fissuras e usar os problemas para vender outros tipos de mercadorias. Cidades como Nova York, cidade do México, Chicago, São Paulo e Paris são sedes dessas estratégias a partir da construção de megaedifícios, shopping centers, monumentos, parques, museus, eventos, grandes feiras. Várias dessas obras são vendidas pela justificativa da segurança, do conforto ambiental e da saúde.

No contexto dessas contradições algumas tendências se desdobram.

a) A precarização da vida pública

À medida que o medo, a violência e outros conflitos passam atuar decididamente em vários negócios, seja para vender apartamentos seguros, desenvolver esquemas de vigilância, definir controles à longa distância por meio de tecnologias de ponta de veículos, mansões, aumentarem a audiência de TVs etc., há um afastamento do cidadão da vida pública.

O primeiro sintoma é o desenraizamento. Especialmente migrantes, ex-camponeses e operários não

são convidados a usufruírem determinados espaços que, embora tido como públicos, são tomados pelo ethos da classe média urbana. Cada vez mais trancafiados e oprimidos pelo medo, o próprio sentido de participação fica a mercê de negócios, muitas vezes feitos pelo Estado ou seus órgãos mediante processos de indigência assistida (Mendonça, 2004).

O intenso fluxo, o eterno barulho e a mira estetizante transformam as praças em objetos de fotografias mais que da vivência. A cisão dos iguais pelo processo de fragmentação identitária proporcionado pela divisão social e técnica do trabalho contribui também para afastar o processo de diálogo. E assim deixar que se organizem e reconheçam causas comuns por meio da semelhança de classes sociais.

A força do controle da mídia, travestida em golpes imagéticos, passa a apropriar também das manifestações populares. Dessa maneira, a performance atua no legado simples da cultura popular e arrasta-a para o desvelo da espetacularização. Em quase todas sob o manto da requalificação, os antigos centros ou os monumentos que testemunham sentidos históricos importantes, tornam-se objetos que vendem a memória.

A recriação da relíquia e a mercantilização do simples, além de negociar a tradição promove um aparente embaralhamento de signos. De repente, o

restaurante mais suntuoso tem um carro de boi como mesa de onde se serve a comida. Fora a dificuldade da leitura desses signos embaralhados, observa-se a utilização da crise da cidade como peça para revitalizar a tradição por meio da estratégia do lucro.

Mas outras contradições são mais decisivas. Quanto mais ruidosa, prosaica e cheia de gritos mais a solidão é documentada. Crescem os casos de pais usarem o espaço público e estamparem parabenizações aos filhos por vitórias em vestibular ou felicitá-los pelo aniversário. A extravagante polifonia contrasta com a carência e com a solidão.

Quanto mais símbolos são aspergidos mais dificuldade se tem de ser ouvido. A aceleração do tempo torna-se estrondo sonoro que repercute no sistema perceptivo. Há ainda uma disputa semântica que invade nomes de comércio, operação da polícia, nomes de prédios. Uma toponímia mercantilizada faz uso de bandeiras poéticas, ambientais, étnicas e dão cabo ao embaraço de sentidos, próprio de uma ideologia metropolitana.

Mas a disputa semântica pode participar de outra escala. Nomes como megalópoles, macrocefalia, hipercidades, cinturões urbanos, eixo urbano, metápolis, ecumenópolis são acompanhados de outros, como vila do mijo, cidade de papelão, rocinha, cidade do lixo, NEMs, Breu do povo etc.

De tal maneira que a precarização da vida pública não ocorre apenas pelo intenso fluxo, pela organização das novas formas espaciais, pelo esteticismo segregador, pela segregação socioespacial, pela fragmentação do sujeito, mas pela ação estratégica do marketing urbano. Ele vai domando a cidade, controlando os seus espaços, utilizando as suas contradições como benefício mercantil.

Todavia, peladeiros, gente do movimento estudantil, trabalhadores informais, jovens, catireiros, fuliões, universitários, grafiteiros, educadores ambientais acabam por digladiarem-se e operam a arte da alegria em campinhos de terra, encontros de folias. Em muitos casos juntam-se símbolos da cultura popular com a cultura erudita, constroem místicas, fazem grupos de contadores de histórias, elaboram concursos de piadas, montam sites de poesia etc. E, nas fendas, beneficiam-se da complexidade e exalam o poder da cultura para criar territórios da existência que culminem com a vontade de viver.

b) O turismo urbano e os territórios da existência

Muitos estudos das metrópoles que admitem que há um urbano próprio – e consoante – ao modelo de acumulação vigente, apregoam que as flutuações do câmbio, a desperenidade das bolsas de

valores, os fluxos intensos de capitais, a desterritorialização de trabalhadores e a imensa circulação de símbolos pelas redes moduláveis são signos que desenham a vida da metrópole.

Criar meios de gerar uma “pátria urbana”, transformar a cidade e alguns de seus espaços em “mercadorias prontas para competirem” com outras cidades e desenvolver a sua gestão como se fosse uma empresa, nas reflexões feitas por Arantes (2000) e atualizado por Pereira (2010), tem o turismo como uma das principais tendências.

Além disso, a construção de obras faraônicas, a revitalização de áreas, monumentos ou símbolos tradicionais, a organização de festivais, a disputa por grandes eventos miram um único objetivo: criar o turismo urbano que, por sua vez, deve responder pelas demandas do capitalismo terciário do atual período.

Cabe, pois, criar a ideologia hedonista do mercolazer ou do consumidor de paisagens. Assim, a edificação de uma identidade que seja capaz de cravar uma imagem forte é importante para atrair turistas e aglomerar capitalistas interessados em investir na cidade.

Afeito aos novos meios de transporte, o sujeito contemporâneo pode transladar de estado, região e país com facilidade relativo ao suporte da velocidade e da rapidez. Necessita ser

convencido, estimulado e quase que ameaçado. Monta-se um novo status: o sujeito que viaja, o “viajado”, aquele que conhece vários países, lugares, regiões mesmo que seja apenas para gravar na fotografia e registrar no orkut a sua presença num lugar proeminente. Cada vez mais fadado às viagens turísticas, monta-se uma rede envolvendo gestão, empreendedores imobiliários, hotéis, companhias aéreas, comerciantes, empresários. E envolve culinária, mídia, narcisismo, status, prazer superficial.

Todavia, não se pode imputar ao turismo por si só a responsabilidade por manter ou gerar a desigualdade social. Na rubrica “turismo urbano” pode haver turismo de negócio, turismo de lazer, turismo religioso, ecoturismo etc. E em todos pode gerar elementos de envolvimento, de produção da consciência, de conhecimento dos fundamentos da cidade, da riqueza de seus sujeitos, de sua cultura, de sua diversidade etc. Assim sendo, o turismo é enfeixado também de contradições – e não pode ter a única responsabilidade de educar, politizar, erigir meios de insurgência e de enfrentamento do status quo.

Mas o que, de fato, é rico são as trajetórias dos sujeitos metropolitanos. Tanto dos que vieram de fora, como ex-camponeses, operários, inclusive de jovens que desenvolvem a sua vida em meio aos

símbolos metropolitanos. O rico manancial de símbolos, a rica e infinita coreografia das ruas, as cenas reais que se montam, a sociabilidade dos campos de futebol, das festas, o espírito de solidariedade para salvar alguém que sofreu um acidente, o encontro com pessoas de fora, ou as visitas em hospitais de urgência, presídios, colônias etc., montam trajetórias cheias de símbolos.

Redunda dessas trajetórias algo importante ensinado por Guattari & Rolnik (1986): à medida que o indivíduo é capaz de sair dos padrões de status, dos reducionismos, das serializações, das tipificações e deixa o enquadramento em nome da singularidade, o que intenta ser controle e alienação pode tornar seiva da insurgência e da criatividade.

c) A gestão da pressa e o planejamento do contraditório

Geógrafos como Santos (1996), Souza (1993) assim como e Villaça (1997) asseguram que uma das principais características da metrópole atual é sua complexidade. Em se tratando da gestão metropolitana, a complexidade pode permear o seguinte desafio: quanto mais a metrópole é complexa mais ela apresenta problemas; e quanto mais problemas ela possui, mais o gestor possui dificuldade em saná-los. Em síntese: a complexidade

exige maior competência da gestão e reduz a sua capacidade de fazê-lo.

Ao cabo dessa contradição surgem visões apocalípticas de gestão afirmando que a metrópole é impossível. Ou segundo que, como reino do caos – e da eterna mudança contraditória -, o que se deve fazer é articular forças além dela mesma. Fora a visão apocalíptica, cresce as visões de compartilhamento que se estende desde propostas de mutirões, participação comunitária, conselhos consultivos e executivos, orçamento participativo até sub-prefeituras etc.

A fluidez promovida pela entrada e saída de variáveis, a dependência econômica da macroeconomia, o tempo acelerado, o controle privado do solo e dos espaços, a intersecção com outros municípios etc., obrigam a gestão dar sentido à pressa e aos conflitos ao mesmo tempo em que lhe são negadas as condições para fazê-lo.

Nascem assim vários modelos. Um culturalista que cuida de fazer operações ideológicas em nome de valorização dos espaços de memória, de sua tradição, criando festas e eventos identitários na tentativa de se ligar ao estrategismo performático e ao turismo de negócio.

Aqui a memória, as festas e os eventos de sua tradição não servem como elementos para politizar a leitura da cidade, averiguar os seus

desenraizamentos, elucidar as suas contradições, mas tornar a metrópole atualizada pela via dos apelos da mercantilização.

O que esse modelo pode fazer é destinar um marketing, criar marcas e gerar pequenas frações de força da tradição. No que toca à vida geral da cidade, o que se vê é a militarização da existência, com aumento de contingentes policiais, discursos de segurança, monitoramento tecnificado etc.

Outro modelo que se expande incluindo o primeiro, muitas das vezes, é o progressivistas. Este baseia-se na tecnificação, no sentido da eficácia racional, no controle e na manutenção de dados, na construção de grandes obras que servem de marcos administrativos e que exponham a força da racionalidade instrumental. Com ilhas de razão, o manuseio de informações apesar de gerar modelos de leitura da realidade metropolitana e de servir de cenários para antever cenários, não pode enfrentar e resolver as principais contradições.

Esses modelos são criticados em nome do que temos alcunhado de modelo integrado. A própria análise da metrópole deve sofrer mudanças. Não basta apenas ler a cidade relativa ao modo de produção e desse consoante aos territórios de existência ou às diferentes táticas de vida dos grupos sociais. Mais interpretá-la

como realidade sociohistórica que responde por um tempo e revela a cultura de um lugar, patenteia a vida organizada conforme conflito e de acordo com a sua luta para sair das prisões, da alienação e dos condicionamentos.

Dessa feita, a visão ideológica que põe a consciência a espera de uma grande transformação social; a visão de que a solução reside numa inteligência tecnológica e racional, ou mesmo que basta compartilhar forças, podem cair numa ingenuidade como ensinou Chaveiro e Oliveira (2008), já que o grande desafio é enfrentar as sociodesigualdades da metrópole. Isso que se tem denominado segregação socioespacial.

Nesse quesito as reflexões parecem indicar que há duas vertentes: o modelo de desenvolvimento econômico retira o direito à cidade, desde moradia, escola, acesso à cinema, teatro etc. Essa falta de acesso se sedimenta em termos de sua espacialização. E também as condições para efetivá-lá. Isto é, numa sociedade de classes, os trabalhadores na metrópole distanciam-se das condições para apropriar-se da cidade.

2. OS CONFINS DA PERIFERIA PROLETÁRIA DAS METRÓPOLES BRASILEIRAS

Qualquer análise de dados de metrópoles do mundo que mire averiguar as diferenças de renda, PIB, crescimento populacional, segregação socioespacial perceberá a implicação da divisão internacional do trabalho no desenho das cidades pelos continentes. Em torno de 4000 cidades com mais de 100 mil/habs; há 250 com mais de 1 milhão/hab.; 40 com 10 milhões/hab; e 15 com mais de 10 milhões/hab.

Verifica-se que neste período, denominado de global, comandado pela acumulação integral, há o crescimento da quantidade de metrópoles nos países pobres, demonstrando que o processo de modernização do território e a reordenação produtiva do capital que desterritorializam o trabalho, em nível mundial, repercute não apenas no tamanho das metrópoles mas, implica na vida de seus sujeitos.

Nos países pobres, as metrópoles surgem como lugares do capital, de universidades, hospitais, centros tecnológicos e de serviços, além de concentrarem pessoas, rendas, PIB, IDH. São imageadas como ilhas de possibilidades. Mas à medida que houve o esvaziamento do campo o tornando mais produtivo, o processo recente da metropolização redundou na expressão da desigualdade social, cuja face mais evidente é a formação das periferias

proletárias por meio do processo de segregação socioespacial.

Percebe-se, noutra vertente, que o processo gerou a seguinte contradição: as metrópoles são lugares de violência, da desigualdade social, do desemprego, de problemas ambientais os mais diversos, do medo; e as cidades pequenas são pequenos centros que perdem população, sem dinamismo e sem possibilidades de organizar as demandas.

O primeiro aspecto das denominadas periferias proletárias é o seu distanciamento dos centros de consumo. Os seus sujeitos são chamados a consumir mas, sem condição de realizá-lo, no logro do espaço rápido mas com lentidão para operar soluções, desenham uma subjetividade baseada em linhas de fuga.

Segundo Rolnik (1996), os principais troncos dessa subjetividade são a literatura de autoajuda, a drogadição, o sonho top-model e seus acompanhantes como os *diet-light*, as academias de ginásticas; as religiosidades; o consumismo; a tecnofilia. Especialmente a juventude a partir dessas referências simbólicas vulneráveis, descrente das instituições, é presa fácil às diferentes linhas de fuga. Ou o que Costa (2002) chama de “privatização da solução”.

Impera-se a ética cínica. O esvaziamento de sentidos, a dificuldade de articular grupos de força, juntamente como

a precarização dos espaços públicos, fadada à violência, pode deixar de valer de sua energia para fazer contestações com causas, ou edificar insurgências com rumo.

Nota-se também que a política de indigência assistida impetrada pelo Estado cria, nos mais idosos, uma quietude pacífica e, muitas vezes, viciada. Há também sistemas de cooptação que mistura linhas de fuga fundando um novo sentimento metafísico juntamente com colégios eleitorais para agentes de igrejas.

Todavia, a mistura de cultura popular de ex-camponeses, de migrantes, juntamente com a autonomia corporal da juventude, suas trajetórias de informação, a riqueza do terciário informal, as maiores oportunidades de se comunicar, transformam a periferia proletária num rico acontecimento de criatividade e de invenção.

Em muitos casos, capoeiristas, gente do hip-hop, do rapper, cantoria de migrantes, rezadores, catireiros, contadores de causos, juntamente com gente de universidade, pichadores, grafiteiros, roqueiros, peladeiros etc., transformam a periferia proletária num cenário de rica diversidade. A síntese é que a diversificação do trabalho opera a multiplicidade de identidades e símbolos. A diversidade dificulta a organização da resistência, mas, enriquece a existência. E a criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudiosos do espaço urbano têm repetido que se conhece atualmente um feito histórico reluzente: pela primeira vez na história da humanidade há mais pessoas morando em cidades que no campo. Mais que o peso demográfico, eles tecem outras considerações: nunca houve tantas cidades como no atual período; e nunca houve tantas cidades tão grandes.

Fora o aspecto quantitativo há outros sociais e funcionais: somente agora pode-se dizer que todas as cidades, de uma maneira ou de outra, se comunicam entre si por meio de redes moduláveis, rápidas e instantâneas. Essas considerações levam alguns pesquisadores a dizer que a cidade, especialmente as metrópoles, são as maiores obras humanas. Ou as mais suntuosas e complexas dentro das quais encontra-se os saberes, as identidades culturais, as inovações tecnológicas, assim como as contradições sociais e seus desdobramentos objetivos e subjetivos.

No interior da pesquisa geográfica outras considerações devem ser patenteadas. Ora, não se deve interpretar a rede urbana, os estatutos socioespaciais das metrópoles sem levar em consideração a divisão internacional do trabalho. Isso quer dizer que, então, pode mencionar que há metrópoles de países pobres com

características que revelam o seu lugar no mundo, como há metrópoles com configurações próprias dos países hegemônicos.

Além dessa consideração convém, no logro das conquistas teóricas produzidas nas últimas décadas, não separar os focos chamados intraurbanos dos interurbanos. Ou seja, a lógica interna das metrópoles, ainda que costurada pelas práticas sociais e espaciais dos sujeitos que a empreendem, não se exime das suas funções regionais ou nacionais.

Mas os estudos sobre práticas espaciais nas metrópoles, tal como temos feito mirando especialmente a metrópole goianiense, são reveladores de outro dado: nenhuma metrópole se repete na outra. E a sua singularidade é tecida numa gama de ações, de encontros de territorialidades, de conflitos sociais, de apropriação dos espaços, de configuração dos lugares.

Em meio ao estrategismo ao modo da *city marketing* e ao esteticismo performático que oblitera a vida pública e cria espaços de medo e de terror – e intenta mercantilizar o medo, a dor e o sofrimento, há atitudes de criatividade, de insurgência, de comunicação que mostram as razões do insondável humano. E de sua força para experimentar o mundo defendendo a própria existência e lançando-o como fibra de criação.

A ação de peladeiros da periferia proletária, os grupos de cultura popular que se fundem com a juventude universitária, a reunião de migrantes em festas de construção e valorização de sua memória, as imagens produzidas por quem ultrapassa o atlântico em função da desterritorialização global do trabalho, a rica memória de pioneiros construtores de prédios, os marcos espaciais que serviram à organização do movimento social dão exemplos claros que o regime de conflito instaura gritos de liberdade.

Mesmo nos territórios segregados, o que temos denominado de periferia proletária, “a sublevação da carne” em trajetórias criativas não param de mostrar “a força dos fracos”. Mas o grau complexo da construção da vida humana nas metrópoles, englobando uma torrente de impulsos, de linguagens, de chamamentos para o consumo – e de problemas estruturais como o desemprego, o trânsito, a moradia, os ambientais - além de criar um sujeito com referências simbólicas vulneráveis, atingem as modalidades de sua gestão.

Discursos como o ambiental, o da segurança pública, da preservação do patrimônio cultural e o da saúde participam da ideologização de vários tipos de gestão. Juntando-se as novas centralidades às ilhas de moradia de luxo e ao retoque de alguns pontos, o corpo

espacial da metrópole vai sendo fragmentado por meio de espaços reluzentes e outros que são flechados pelo que tem alcunhado de preconceito espacial.

Isso tudo convoca os pesquisadores desse tipo de espaço e enfrentar duas situações: desenvolver um modo de interpretar a cidade que seja capaz de dissolver as ideologias e criar meios para recuperar a fermentação política e cultural nos espaços públicos. Mais que isso: cabe articular as iniciativas pontuais de pesquisas, ONGs, movimentos sociais urbanos, mobilizações, intervenções urbanas e de outras ordens. O controle, a normatização, a militarização da existência, a apropriação privada dos espaços públicos – como ordens da racionalidade hegemônica - não sucumbem a vida. De modo que o desafio é fazer do encontro o motivo especial – e exuberante – de vida.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Ottília, VAINER, C. MARICATO E . A cidade do pensamento único – desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000
- CARLOS, Ana Fani Alessandri.. O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFCLH, 2007.
- CAVALCANTI, L. S. Cidade, cidadania e cultura urbana: espaços públicos como espaço de cidadania de jovens em urbanas de Goiânia. *Ciência Geográfica*, Bauru-SP, v. X, n. 2, p. 151-156, 2004
- CHAVEIRO, E. Felício & OLIVEIRA, Adão F. Desigualdades sócio-espaciais, democracia e gestão metropolitana: análise do desempenho institucional em Goiânia (1997-2007), Goiânia: CEGRAF Boletim Goiano de Geografia V. 28, n.2, pg 187-202, 2008.
- COSTA, Jurandir, F. *Ética o espelho da Cultura*, Rio de Janeiro: Rocco, 2002
- GUATTARI F. & ROLNIK S. *Micropolíticas: cartografia do desejo*. Petrópolis: RJ, Vozes, 1986.
- HARVEY DAVID. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- MARICATO, M. Ermínia. *Metrópole na periferia do capitalismo: legalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: 1996.
- MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. *A urdidura do capital e do trabalho no capital do Sudoeste goiano*. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia-UNESP - Presidente Prudente – SP, 2004
- MOYSES, Aristides. *Desigualdades sócio-espaciais no Centro-oeste brasileiro: o caso da região metropolitana de Goiânia*, CES – VIII congresso luso-afro-brasileira de Ciências sociais “ A questão social no novo milênio”. Coimbra; Portugal, 2004.
- PEREIRA, Valnei. *São Paulo e Rio de Janeiro: Hipermetrópoles turismo e modo como economias culturais do Espaço*. Tese de Doutorado São Paulo: USP, 2010.
- ROLNIK, Suely. *Toxicômonos de identidades – subjetividade em tempo de Globalização*, Folha de São Paulo, caderno Mais . 19.05.1996.

SOUZA, M. Adélia. A Metrópole Global – uma reflexão sobre o espaço intrametropolitano. Rio de Janeiro: Anais do Seminário Metropolização e Sociedade, IPPUR/UFRJ, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes. O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio Janeiro: Bertrand Brasil, 2000

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERPA, Ângelo. Experiência e Vivência, percepção e Cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em Bairros populares de Salvador-Ba, In: R. RA E GA, n.8, Curitiba: ed. UFPR, p.19-32.

VILLAÇA, Flávio. Efeitos do espaço sobre o social na Metrópole Brasileira. In: Anais do VII Encontro Nacional da ANPUR, Recife, 1997.